



Revista Bioética

ISSN: 1943-8042

bioetica@portalmedico.org.br

Conselho Federal de Medicina

Brasil

Gouveia, Rildésia S. V.; Alves Freires, Leogildo; de Carvalho Rodrigues Araújo, Rafaella; de Oliveira Santos, Layrthon Carlos; Gouveia, Valdiney V.

Se são prostitutas, por que são felizes? Correlatos materiais da satisfação com a vida

Revista Bioética, vol. 18, núm. 3, 2010, pp. 603-621

Conselho Federal de Medicina

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361533254008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Artigos originais

Se são prostitutas, por que são felizes? Correlatos materiais da satisfação com a vida

Rildésia S. V. Gouveia
Leogildo Alves Freires
Rafaella de Carvalho Rodrigues Araújo
Layrthon Carlos de Oliveira Santos
Valdiney V. Gouveia

Resumo Este estudo objetivou conhecer a relação entre bens de consumo adquiridos e satisfação com a vida de profissionais do sexo em João Pessoa/PB. A influência dessa relação na satisfação com a vida é algo que não tem sido estudado empiricamente. Participaram do estudo 100 prostitutas com idades entre 18 e 46 anos ($m = 26,2$, $dp = 7,00$), a maioria solteira (71%) e com filho (73%). Estas responderam a Escala de Satisfação com a Vida, o Inventário de Bens de Consumo e perguntas demográficas. Os resultados indicaram correlação positiva entre bens de consumo e satisfação com a vida ($r = 0,42$), com os bens de consumo apresentando indícios de mediar a relação desta satisfação com o valor cobrado por programa sexual. Os resultados foram discutidos à luz das evidências sobre a importância de bens materiais para promover o bem-estar subjetivo em contexto de escassez, indicando-se estudos futuros que possam contribuir nesta área.

Palavras-chave: Prostituição. Satisfação pessoal. Felicidade. Economia.



Rildésia S. V. Gouveia
Psicóloga, doutora em Psicologia Social, professora titular do Centro Universitário de João Pessoa, Brasil

À esquerda

Leogildo Alves Freires
Psicólogo, colaborador do Núcleo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil

Nos registros históricos, a prostituição é apontada como uma das mais antigas ocorrências sociais, sendo comumente referida como das mais primevas profissões do mundo. A prostituição existiu em todas as sociedades ágrafas, principalmente porque, até meados do século XIII, não havia opções de remuneração para a mulher – que, para garantir sua sobrevivência econômica, deveria ser casada, fazer parte do clérigo ou ser prostituta ^{1,2}.

Mesmo na atualidade, a sexualidade ainda é um dos temas mais polêmicos e de difícil abordagem. No que concerne à prática da prostituição, a liberdade do emprego do próprio corpo em atividades econômicas, relacionada ao exercício da autonomia sexual, possui um histórico de danos inegáveis (principalmente a mulheres) decorrentes da exploração sexual, sob ameaça da violência ou em situações de absoluta necessidade. Nesse sentido, orientados por princípios bioéti-

À direita

Layrthon Carlos de Oliveira Santos

Acadêmico de Psicologia, monitor de avaliação psicológica na UFPB, João Pessoa, Brasil

Rafaella de Carvalho Rodrigues Araújo

Psicóloga, colaboradora do Núcleo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social, UFPB, João Pessoa, Brasil

À frente

Valdiney V. Gouveia

Psicólogo, doutor em Psicologia Social, pesquisador 1B do CNPq, professor associado da UFPB, João Pessoa, Brasil

cos de promoção de justiça social, autonomia e não maleficência demanda-se o combate às situações de vulnerabilidade feminina, seja cultural, econômica ou psicológica, o que pressupõe atenção às condições psicossociais deste grupo estigmatizado ³.

Vale ressaltar que o perfil da prostituição feminina no Brasil está intricado à multiplicidade demográfica, juntamente com a configuração política, econômica, social e cultural do país. Para defini-lo se faz necessário um olhar refinado que dimensione os fatores que se estruturam nas suas necessidades como parte dessa atividade pertencente ao mundo marginalizado. Dado o alcance deste fenômeno, impõe-se adotar a conceituação da Organização das Nações Unidas (ONU) ⁴: a prostituição compreende um processo em que as pessoas, mediante remuneração de maneira habitual, sob quaisquer formas, entregam-se às relações sexuais, normais ou anormais, com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, durante todo o tempo. Entende-se que a prática sexual comercial é como qualquer ato comercial em geral, em que algo de valor seja dado ou recebido por alguém.

A miséria econômica é vista como um dos principais motivos de ingresso no mundo da prostituição ⁵. Estudos mostram que, por exemplo, em Londres, a prostituição gera cerca de 200 milhões de euros anualmente ⁶; na Nova Zelândia, quase uma em cada 150 mulheres com idades entre 18 e 40 é empregada em alguma forma de trabalho sexual ⁷; e nas Filipinas, Indonésia, Malásia e Tailândia o setor sexual representa cerca de 2% a 14% do produto interno bruto ⁸. Portanto, depreende-se que a prostituição compreende, simultaneamente, uma instituição sexual e econômica, seguindo a risca a lei da oferta e da procura.

Lucchini ⁹ alerta não ser incomum nos dias de hoje encontrar adolescentes que se prostituem com clientes que lhes agradam, simplesmente para comprar um vestido que querem muito ou para garantir um emprego, tornando eviden-

te a força que a pressão da sociedade de consumo exerce nos aspectos psicossociais da prostituição, os quais debilitam a resistência que possa existir para esta alternativa de sobrevivência ou de obtenção de recursos materiais. Assim, apesar do contexto desvalorizado e depreciado da prostituição, muitas mulheres são a ela atraídas. Por intermédio da prostituição encontram um meio de conseguir bens materiais, já que, para muitas, não parece existir outra opção para adquiri-los senão mediante a troca por seu próprio corpo.

Conforme os ditames da justiça social, assegurar a todos os indivíduos uma existência digna remete à ideia de que a finalidade de toda a atividade econômica visa garantir uma existência digna aos membros da sociedade ⁴. No entanto, não se trata apenas de fatores concretos isolados (dinheiro, bens materiais), pois parece que o bem-estar subjetivo experienciado pela aquisição de alguns bens de consumo pode minorar a descarga do estigma da prostituição, pois apesar das condições as quais são submetidas, sobretudo em razão de cenários de agressões sexuais e físicas ¹⁰ e do aumento da incidência de doenças sexualmente transmissíveis ¹¹, as profissionais do sexo, como quaisquer outras pessoas, também buscam o melhor, a felicidade. E por estranho que possa parecer, observações não sistemáticas parecem sugerir que algumas a encontram, ainda que de modo menos convencional.

Talvez uma razão para isso seja o dinheiro e os bens que conseguem como fruto da venda do corpo. A propósito, Myers e Diener ¹²

comentam que poucos concordam que o dinheiro pode comprar a felicidade, porém um pouco mais de dinheiro promoveria alguma felicidade, principalmente no contexto da prostituição, onde esta parece ser a recompensa mais palpável. Precisamente, interessa no presente estudo conhecer em que medida as prostitutas podem estar satisfeitas ou felizes com suas vidas, avaliando o papel dos indicadores econômicos para explicar tal satisfação. Demanda-se, neste âmbito, conhecer algo mais acerca deste grupo marginalizado.

A prostituição no Brasil

No Brasil, a prostituição chegou com os primeiros colonizadores. A Coroa Portuguesa mandou para a nova Colônia, nos trópicos, os criminosos, os condenados e as prostitutas. Com a escassez de mulheres na Colônia, as índias e depois as negras foram também prostituídas. A seguir, vieram as europeias, principalmente as francesas, que atendiam em casas luxuosas na Corte ⁴.

Desde então, apesar de ser atividade marginalizada, jamais foi considerada crime, algo ilegal. De fato, *conforme os artigos 227 e 231 do Código Penal brasileiro, que tratam dos crimes contra os costumes, são definidos como crime o lenocínio e o tráfico de mulheres, ou seja, a exploração da prostituição alheia. Nestes itens podem ser enquadrados cafetões, ru-fões e donos de casas e hotéis de prostituição* ¹³. Portanto, este Código entende a prostituição como prática de vender o corpo para o prazer de outras pessoas, não sendo considerada crime quando a pessoa se prostitui por von-

tade própria. Entretanto, passa a o ser quando uma pessoa convence, induz ou atrai alguém a praticar ato sexual com outros; do mesmo modo, impedir que alguém saia da prostituição, ter lucro ou ser sustentado com a prostituição de outra pessoa ou manter casa de prostituição são indícios de crimes. A pena prevista nestes casos é de reclusão de 1 a 10 anos e multa ¹⁴.

Devido às características geográficas e culturais do Brasil, o turismo sexual é uma das modalidades que vem se consolidando na rotina da maioria das prostitutas. Algumas capitais, a exemplo de Aracaju, Belém, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e Salvador, lideram o *ranking* das cidades de maior incidência de atividades relacionadas à prostituição. No Nordeste, a idade média para iniciar a vida na prostituição situa-se entre 12 e 14 anos, sendo que aos 20 a prostituta já é considerada velha e aos 30 aparenta já ter 60 anos. No caso de João Pessoa, apesar da menor incidência de prostituição quando comparada com as cidades anteriormente citadas, essa atividade é facilmente perceptível, provavelmente em razão de sua localização geográfica, situada entre um polo industrial (Recife) e outro turístico (Natal), o que a torna mais conhecida, atraindo visitantes de passagem, que percebem oportunidades de diversão e prazer sexual ¹⁵.

Em cidades cuja economia está fortemente baseada no turismo, como Fortaleza, Recife e Salvador, os clientes consumidores do turismo sexual são geralmente homens de meia idade, provenientes de países europeus, a

exemplo de Alemanha e Itália, que agenciam suas viagens a partir da negociação de pacotes “turísticos” com forte apelo sexual ¹¹. A propósito, Vasconcelos ¹⁶ indica que no Nordeste o turismo sexual é uma realidade, com ao menos dois fatores de agenciamento que incidem tanto sobre o consumidor quanto sobre as que executam essa atividade: 1º) aqueles que se utilizam do turismo sexual são estimulados por pacotes de turismo promocionais, que incluem adolescentes como atração sexual, que contam com a convivência de proprietários de hotéis, táxis, barracas de praia e boates, que formam uma rede organizada em torno desse negócio; e 2º) aquelas que são utilizadas para o turismo sexual são induzidas por promessa de casamento com estrangeiros, que as levam para fora do país – o que, muitas vezes, implica em prostituição forçada nos locais de destino.

Esses desfavores têm consequências apreciáveis em diversas facetas da vida. Gomes ¹⁷, em estudo sobre a prostituição infantil, revelou que entre as meninas prostituídas, que fazem parte dos segmentos mais pobres da sociedade, são comuns casos em que suas mães têm que doá-las a parentes, conhecidos ou colocá-las em instituições para serem criadas. O problema também assevera questões sociais, produzindo ou intensificando conflitos familiares e o abandono do lar por um dos cônjuges, o que agrava ainda mais a pobreza.

Consoante com este quadro, Braga ¹⁸ indica que uma das formas de adentrar ou consolidar-se no mundo da prostituição é quando algumas adolescentes, levadas de casa por

conhecidos ou encaminhadas por seus próprios familiares, chegam a grandes centros urbanos, oriundas de cidades interioranas, em busca de trabalho que permita seu sustento e, algumas vezes, o de sua família. Sem estudos ou qualificação adequada, muitas vezes com documentação incompleta ou irregular e carentes de qualquer referência, submetem-se à exploração de todo tipo. Neste contexto adverso, a prostituição se apresenta como opção, um modo aparentemente mais fácil de garantir a sobrevivência, conquistar bens antes inimagináveis. Contudo, não tardam em perceber a adversidade dessa condição, que parece indicar que sempre há um programa a mais para fazer, como se fosse o último, anseio que nunca acaba por se consolidar.

A propósito da dificuldade de sair do mundo da prostituição, Fonai e Delitti ² realizaram pesquisa que arroja luz à compreensão do tema. Procuraram conhecer os prováveis motivos que perpetuam o comportamento de prostituir-se, isto é, manter relações com um cliente em troca de dinheiro. Especificamente, o estudo investigou as razões que reforçam e mantêm o comportamento das prostitutas, além de analisar fatores relevantes para mudar tal comportamento.

Diversas razões foram listadas, destacando-se: questões relativas a perspectivas futuras, situação anterior problemática, reforço generalizado quanto à atenção, afeição e poder, recompensas imediatas (por exemplo, dinheiro, presentes, viagens), esquiva de punição e imitação de outras colegas que já trabalhavam como prostitutas. As razões mais menciona-

das foram as privações econômica e social. Portanto, embora a prostituição possa ser, em princípio, indesejável, deixar esta atividade não é fácil. Mas, como lidam com suas vidas as mulheres que precisam se dedicar à prostituição? É possível ser feliz, satisfeita com a vida nesta condição? Em que medida o aspecto material ou econômico poderia explicar sua presumível satisfação? Essas perguntas orientaram o presente estudo, demandando conhecer o sentido da satisfação com a vida e variáveis que podem afetá-la.

Satisfação com a vida e seus correlatos sociodemográficos

De acordo com Pereira ¹⁹, a qualidade de vida subdivide-se em dois componentes principais: *bem-estar objetivo* (*welfare*), em que são consideradas as circunstâncias objetivas de vida (por exemplo, renda, escolaridade, saúde, transporte, classe social), e *bem-estar subjetivo* (*well-being*), explicitado por experiências subjetivas e indicadores emocionais. O foco principal deste estudo é a experiência subjetiva referente à qualidade de vida, especificamente o bem-estar subjetivo – que diz respeito à satisfação consigo mesmo e com o ambiente no qual o indivíduo está inserido. Inclui, por exemplo, julgamentos acerca da satisfação com a vida.

A satisfação com a vida reflete elementos cognitivos que podem traduzir uma avaliação em termos de áreas específicas (por exemplo, recreação, matrimônio e economia) ou refletir uma apreciação geral a respeito, tomando a vida como um todo. Esta última perspectiva

tem recebido atenção especial, sobretudo pela possibilidade de ser menos dependente de cultura e contexto, uma vez que não é o pesquisador quem impõe um padrão ou define uma área de interesse, pois é a própria pessoa quem constrói sua avaliação global, pesando todos os aspectos que considera importantes e, por isso mesmo, definindo o que é ou não prioritário em sua vida ²⁰. Essa dimensão global é o que interessa no presente estudo.

Diener, Emmons, Larsen e Griffin ²⁰ desenvolveram uma medida de satisfação com a vida com independência de domínio, isto é, os itens que compõem sua escala são de natureza global, avaliando o julgamento geral da satisfação que a pessoa apresenta com a própria vida. As principais vantagens desta medida são contar com múltiplos itens, cobrindo um único fator, ser breve e apresentar formato de resposta simples ²¹. Esta medida conta com uma versão brasileira, denominada Escala de Satisfação com a Vida (ESV), cujas evidências de parâmetros psicométricos (validade fatorial, validade convergente e consistência interna) têm sido observadas em múltiplas amostras ^{22,23}.

Dimensões do bem-estar subjetivo têm mostrado relação com algumas variáveis que podem refletir condições de vida, como as necessidades. Por exemplo, estima-se a pronta satisfação das necessidades como fundamento da felicidade, enquanto o seu não atendimento determinaria a infelicidade ²⁴. A propósito, Myers e Diener ¹² sugerem que depois que o indivíduo supre suas necessidades básicas o dinheiro já não tem tanta importância. Nesta

direção, nos Estados Unidos, contexto onde a maioria das pessoas têm satisfeitas suas necessidades básicas, Diener e Larsen ²⁵ encontraram fraca correlação entre renda e felicidade ($r < 0,20$), algo já observado por Inglehart ²⁶ no contexto europeu. Diener, Sandvik, Seidlitz e Diener ²⁷ apresentam pesquisas que mostram que, embora os estadunidenses em 1957 recebessem metade da renda auferida em 1990, considerando as crescentes taxas elevadas de depressão, divórcio, violência e suicídio na adolescência no país neste período, mesmo sendo mais ricos não podem ser considerados igualmente felizes.

Csikszentmihalyi ²⁸, em artigo intitulado *If we are so rich, why aren't we happy?*, sugere algumas explicações para a falta de relação entre bem-estar material (riqueza) e indicadores de bem-estar subjetivo (por exemplo, felicidade, satisfação com a vida). Destaca-se, particularmente, a crescente disparidade de riqueza, que faz com que até alguns ricos se sintam razoavelmente pobres em relação aos demais, considerados mais ricos. Este processo de comparação social, tomando como referência um grupo de pertença, é fundamental para a explicação do grau de satisfação que as pessoas relatam com suas vidas; por exemplo, pode-se considerar que a vida é boa, mas poderia ser melhor. Do mesmo modo, embora se entenda que ela não é boa, julga-se que poderia ser pior. Portanto, possivelmente, quando alguém avalia seu sucesso, por exemplo, tem em conta uma escala de expectativas, o que faz com que poucos estejam sempre satisfeitos por muito tempo com o que possuem ou alcançam.

Diener e Diener ²⁹, apoiando-se na teoria maslowniana da hierarquia das necessidades, ajudam a compreender a relação entre riqueza e satisfação com a vida. Afirmam que em sociedades pobres [talvez também em grupos específicos] nas quais a renda é baixa para muitas pessoas, a maioria das necessidades básicas podem não ser satisfeitas para todos. Em contraste, em sociedades ricas mais pessoas têm condições de atender suas necessidades básicas, fazendo emergir necessidades mais psicológicas (que não são deficitárias, mas de desenvolvimento), menos ligadas à renda. Deste modo, argumenta-se que a satisfação com a vida pode ser mais fortemente correlacionada com ganhos econômicos em culturas ou grupos mais pobres, como pode ser o caso do contexto paraibano e, em especial, do grupo de prostitutas. Coerente com esta fundamentação, Veenhoven ³⁰ observou que a correlação entre satisfação com a vida e renda foi mais forte em nações pobres.

Finalmente, apesar das evidências acerca da relação entre a satisfação com a vida e indicadores econômicos (por exemplo, renda pessoal, riqueza dos países), a maioria dos estudos tem considerado estudantes universitários, pessoas da população geral ou aquelas com melhores condições econômicas ²³. Não foi encontrado qualquer estudo voltado a um grupo marginalizado, como as prostitutas. Porém, parece evidente que conhecer a relação entre satisfação com a vida e indicadores econômicos neste grupo poderia arrojar luz à temática do bem-estar subjetivo, cotejando sua relação com aspectos materiais ou pro-

priamente o bem-estar material. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo principal conhecer como se relacionam satisfação com a vida e dimensão de *riqueza* entre pessoas que labutam em contexto depreciado e desvalorizado, como o da prostituição.

Método

Participantes

Participaram 100 prostitutas que atuam em João Pessoa (PB), com idades entre 18 e 46 anos ($m = 26,2$, $dp = 7,00$), cobrando por programa sexual entre 10 e 150 reais ($m = 54,2$, $dp = 32,40$). A maioria indicou ser católica (69%), solteira (71%) e ter ao menos um filho (73%). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), com pessoas que, convidadas, decidiram participar voluntariamente do estudo.

Instrumentos

As participantes responderam um questionário que, além de perguntas demográficas ao final (idade, estado civil, religião, se tinham filhos e valor cobrado por programa sexual), era composto por dois instrumentos principais: a Escala de Satisfação com a Vida (ESV) e o Inventário de Bens de Consumo Duráveis.

A Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

Este instrumento foi desenvolvido por Diener e colaboradores para avaliar a adequação dos parâmetros psicométricos adotados em suas pesquisas em contexto estadunidense ^{21, 31}. Seu propósito é avaliar o julgamento que as

peças fazem acerca de sua satisfação com a vida, sendo elas próprias a eleger, de acordo com seus valores e interesses, os aspectos a serem considerados para expressar tal satisfação. É composto por cinco itens (por exemplo, “Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal”; “Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida”), respondidos em escala tipo Likert, variando de 1 = *discordo totalmente* a 7 = *concordo totalmente*. Foi considerada no presente estudo a versão brasileira desta medida. Os achados obtidos com amostras de diversos grupos dão conta de esta ser uma medida unifatorial, com consistência interna superior a 0,70, que cumpre recomendação da literatura ^{22, 23}.

Inventário de Bens de Consumo Duráveis

Esta é uma medida desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ³² para o contexto brasileiro, que avalia a quantidade de bens de consumo duráveis que as pessoas possuem em seus domicílios. É composto por 13 itens (por exemplo, televisão, aparelho de som, geladeira, aparelho de DVD), sendo as respostas graduadas em escala variando de 0 = *não possui nenhum* a 4 = *possui quatro ou mais* objetos perguntados. Este instrumento traça o perfil socioeconômico dos respondentes, sendo empregado neste estudo como indicador de riqueza ou bem-estar material.

Procedimento

Intentando-se encontrar as participantes do estudo, estabeleceu-se inicialmente con-

tato com a Apros-PB (Associação das Profissionais do Sexo da Paraíba). Contudo, devido ao número reduzido de profissionais cadastradas na associação, requereu-se partir para o trabalho de campo, buscando-as em localidades públicas onde se sabe existir atividades de prostituição. Por se constituir em população de difícil acesso, com receio em participar de pesquisas, contou-se também com o apoio das profissionais da associação para a aproximação das demais participantes da pesquisa. Foram seguidos os seguintes critérios de inclusão: mulheres que exerciam a prostituição para o seu sustento ou de outrem, maiores de 18 anos, e atuavam como profissionais do sexo nas localidades pesquisadas. Foram excluídas as mulheres que apresentavam comportamentos agressivos, sob efeito de álcool ou drogas, e que se mostrassem resistentes à participação.

A coleta de dados foi realizada por aplicadores devidamente treinados, abordando individualmente as participantes em locais públicos e privados nos quais as entrevistadas desenvolvem suas atividades como prostitutas em João Pessoa (Rua da Areia, Pavilhão do Chá, estabelecimentos privados do centro da cidade e vias de acesso às praias de Tambaú, Manaíra e Cabo Branco).

Todos os instrumentos eram autoaplicáveis, utilizando lápis e papel. No entanto, sempre que necessário, isto é, em razão do baixo índice de escolaridade de algumas participantes e das condições de aplicação (geralmente à noite, com pouca iluminação), o aplicador responsá-

vel se dispunha a auxiliar, lendo e explicando as perguntas pausadamente, anotando as respostas devidas. Em todos os casos, informou-se às participantes que não existiam respostas certas ou erradas, sendo fundamental que expressassem sinceramente como pensam, sentem ou se comportam no dia a dia. Enfatizou-se que sua participação seria voluntária, podendo abandonar o estudo a qualquer momento, sem penalização, e que seria assegurado o anonimato e a confidencialidade das informações prestadas, que seriam tratadas apenas coletivamente. Todas as participantes assinaram ou rubricaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), conforme estabelece a Resolução CNS 196/96. Em média, aproximadamente 30 minutos foram suficientes para completar cada entrevista.

Análise dos dados

O Paws (versão 18) foi utilizado para analisar os dados. Computaram-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de frequência), principalmente para caracterizar as participantes do estudo. A análise fatorial dos eixos principais foi empregada para conhecer a estrutura dos indicadores de bens de consumo duráveis, com uso do alfa de Cronbach para avaliar a consistência interna (precisão) do(s) fator(es) resultante(s)³³. Além disso, procurou-se calcular as pontuações fatoriais dos indicadores socioeconômicos por meio do método *regression* e, finalmente, estimar as correlações de Pearson entre essas pontuações e a medida de satisfação com a vida.

Resultados

Procurando alcançar os objetivos deste estudo, os achados principais são apresentados a seguir, organizados segundo as análises estatísticas efetuadas. Primeiramente, são apresentados os resultados correspondentes à análise fatorial exploratória e consistência interna do Inventário de Bens de Consumo. Posteriormente, é detalhada a correlação r de Pearson entre as pontuações fatoriais dos indicadores socioeconômicos e aquelas de satisfação com a vida.

Estrutura fatorial do Inventário de Bens de Consumo

Inicialmente, procurou-se comprovar se a matriz de correlações interitens era favorável, empregando-se os seguintes indicadores: Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e teste de esfericidade de Bartlett³⁴. O primeiro trabalha com as correlações parciais das variáveis, devendo ser aceitos valores iguais ou superiores a 0,60. O segundo, comprova a hipótese de que a matriz de covariâncias é uma matriz identidade, isto é, apresenta 1 (uns) na diagonal e 0 (zeros) no restante da matriz. Valores significativos indicam que esta hipótese é rejeitada, favorecendo a realização de uma análise fatorial. Os resultados apoiaram a adequação de se realizar uma análise fatorial, tendo sido observados os seguintes valores: KMO = 0,71 e teste de esfericidade de Bartlett, $X^2(55) = 370,41$; $p < 0,001$. Efetuou-se uma análise de componentes principais, fixando-se a extração de um único fator; este apresentou valor próprio de 3,57, explicando 27,5% da variância total. Os resultados resumidos desta análise são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1. Estrutura fatorial do Inventário de Bens de Consumo

Item	Saturação	h ²
8. Aparelho de DVD	0,80*	0,64
1. Televisão	0,76*	0,58
7. Máquina de lavar roupa	0,70*	0,49
9. Geladeira	0,61*	0,37
6. Aspirador de pó	0,57*	0,32
2. Aparelho de som	0,57*	0,32
4. Automóvel	0,42*	0,18
3. Banheiro	0,40*	0,16
13. Piscina	0,39*	0,15
5. Empregada mensalista	0,38*	0,14
7. Máquina de lavar pratos	0,35*	0,12
10. Freezer	0,25	0,06
12. Banheira	0,18	0,03
Número de itens	11	
% Variância total	27,5	
Alfa de Cronbach	0,77	

Nota: * item considerado para interpretação do fator ($a_{if} > |0,32|$).

Como é possível observar na tabela, dos 13 itens que compõem o Inventário de Bens de Consumo, 11 se mostraram adequados, isto é, apresentaram carga fatorial (a_{if}) maior que $|0,32|$, valor comumente sugerido na literatura ³⁵, variando de 0,35 (máquina de lavar pratos) a 0,80 (aparelho de DVD). Este fator geral apresentou valor próprio acima do 1 recomendado (critério de Kaiser), com consistência interna que superou o ponto de corte desejável (0,70) ³⁶. Portanto, criou-se uma pontuação total de bem-estar material ou propriamente nível econômico, correspondendo à soma das respostas para os 11 itens.

No caso da satisfação com a vida, checkou-se também a possibilidade de extrair um único fator, o que foi confirmado: KMO = 0,67 e teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(10) = 80,10$; $p < 0,001$. A análise de componentes principais revelou um fator geral com valor próprio de 2,10, explicando 41,9% da variância total. Um único item apresentou saturação abaixo do valor considerado adequado ($a_{if} > |0,32|$). Concretamente, o item 5 (*Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida*) apresentou saturação de 0,25; os demais apresentaram saturações entre 0,49 (item 1. *Na maioria dos aspectos*

tos minha vida é próxima ao meu ideal) e 0,84 (item 5. *Estou satisfeita com minha vida*). Os alfas de Cronbach com (= 0,62) e sem (= 0,67) o item 5 não diferiram estatisticamente ($t < 1$). Portanto, intentando que o instrumento mantivesse a forma original, decidiu-se não eliminar este item; embora não desejável, há que se considerar que sua saturação (0,25) difere estatisticamente de zero ($t = 2,56, p < 0,05$). As prostitutas, em média, obtiveram 17,9 pontos ($dp = 6,41$) na medida de bem-estar (satisfação com a vida).

Uma vez definidas as estruturas unifatoriais dos indicadores de nível econômico (riqueza, bem-estar material) e satisfação com a vida, criaram-se duas pontuações totais, compreendendo os somatórios dos respectivos itens que compõem cada uma dessas variáveis – as quais foram correlacionadas entre si, revelando valor estatisticamente significativo ($r = 0,29, p < 0,01$). Deste modo, evidencia-se que quanto maior o nível econômico, maior a satisfação com a vida entre as prostitutas participantes do estudo; esta relação é ainda mais clara quando o coeficiente de correlação é corrigido em função da imperfeição dos alfas de Cronbach ($r = 0,42, p < 0,001$). Portanto, quase um quinto da variância é compartilhada entre essas variáveis (17,6%).

Finalmente, apesar de ficar clara a relação entre bens de consumo e satisfação com a vida, é importante assinalar que o nível de satisfação expresso pelas participantes do estudo não tem qualquer relação com o valor que cobram por programa ($r = 0,01$). No entanto, este valor se correlaciona com

os bens de consumo que indicam possuir ($r = 0,23, p < 0,05$). Isso fez supor um *modelo de mediação*, isto é, o valor cobrado por programa tem seu efeito sobre a satisfação com a vida mediado pelo montante de bens materiais das respondentes. O *teste de Sobel*, embora não significativo (1,78, $p = 0,07$), parece sugerir que este modelo é heurístico ³⁷.

Discussão

O objetivo deste estudo foi conhecer em que medida os bens de consumo e a satisfação com a vida podem estar relacionadas entre si, considerando um grupo de pessoas que obtêm seu sustento em contexto depreciado e desvalorizado: as prostitutas. Confia-se que a meta tenha sido alcançada. Entretanto, não é possível deixar de reconhecer que a amostra e o nível de prostituição considerados limitam a generalização dos achados, que precisam ser vistos como heurísticos, potencializando estudos futuros sobre o bem-estar subjetivo em grupos equivalentes. Contudo, cabem algumas considerações sobre os resultados, que encontram respaldo em achados previamente descritos na literatura, o que favorece pensar sobre sua adequação.

As medidas de bem-estar material e subjetivo

O Inventário de Bens de Consumo é uma medida amplamente empregada no contexto brasileiro como indicador de classe socioeconômica, procurando contemplar elementos que caracterizam o poder aquisitivo das pessoas ³². Seus 13 itens foram pensados para

refletir este aspecto, sem diferenciar região do país. Contudo, a exclusão de dois dos itens talvez indique a necessidade de repensá-lo. Especificamente, o item *banheira* divergiu claramente do conjunto, possivelmente indicando que este não é um bem na realidade paraibana, não diferenciando o poder aquisitivo das pessoas.

Em relação à Escala de Satisfação com a Vida, seus parâmetros foram inferiores àqueles relatados para outras amostras brasileiras²³. A estrutura unifatorial teorizada³¹ foi claramente identificada quando considerado o critério de Horn (análise paralela)³⁸, admitindo-se 1.000 simulações de uma estrutura de dados equivalente a deste estudo (100 participantes e cinco variáveis). Porém, o item 5 (*Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida*) apresentou saturação baixa; nas outras amostras deste país sua saturação esteve entre as mais baixas desta escala, mas nunca inferior a 0,40. Nesse sentido, a noção de não mudar nada, caso existisse uma segunda vida, não parece condizer com a satisfação que as prostitutas têm com a vida. Isso releva um particular significado que tal satisfação tem para estas pessoas. Provavelmente por isso, a consistência interna desta medida ficou abaixo do 0,70 preconizado na literatura^{35,36}, porém admissível em razão do número de itens que a compõe. Destaca-se, ainda, que exceto este item que apresentou correlação corrigida de 0,15 com sua pontuação total, todas as demais foram acima de 0,30 ($p < 0,01$), valor que sugere a homogeneidade do conjunto de itens³⁹.

Bem-estar subjetivo e satisfação com a vida

A felicidade, a satisfação com a vida e os afetos positivos vêm sendo frequentemente estudados no âmbito da Psicologia Positiva⁴⁰. Esta tem evitado priorizar questões relacionadas com a doença e os aspectos negativos da vida, típicos em diversas abordagens psicológicas⁴¹, centrando-se na saúde em si e nos aspectos positivos da vida humana^{12,42-44}. Tal perspectiva enfatiza o aumento dos aspectos positivos da vida e a obtenção de prazer, enquanto preconiza a diminuição dos aspectos negativos⁴⁵⁻⁴⁷. Por exemplo, prioriza-se o estudo do bem-estar subjetivo, entendendo como uma de suas dimensões cognitivas a satisfação com a vida, que pode refletir critérios próprios e gerais que as pessoas têm em conta no momento de avaliar suas vidas. Embora o presente estudo tenha trabalhado com um grupo que pode ser mais exposto a situações adversas, enfatizou-se uma dimensão positiva: a satisfação com a vida. Entender como, apesar da adversidade, algumas prostitutas logram um nível de satisfação com a vida parece ser uma contribuição importante destinada a assegurar-lhes melhores condições de vida e conforto psicológico.

Considerando a pontuação total obtida pelas prostitutas na medida de satisfação com a vida e comparando-a com aquelas obtidas por diferentes grupos no Brasil (enfermeiros, estudantes universitários, médicos, pessoas da população geral, policiais militares, professores do ensino fundamental e psicólogos)^{22,23}, claramente elas são menos satisfeitas com suas vidas (diferenças em valores

absolutos entre 3 e 25 pontos). Talvez o sentido dos resultados destas participantes fique mais claro quando considerados os itens individuais da Escala de Satisfação com a Vida. Elas obtiveram média maior no item 4 (*Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero da vida*; $m = 4,8$, $dp = 2,08$) e menor no item 5 ($m = 2,9$, $dp = 2,28$). Neste sentido, sua satisfação é, provavelmente, conjetural, situacional; no que cabe, estão satisfeitas, mas gostariam de mudar algo na vida.

Satisfação com a vida e bens materiais: implicações éticas e sociais

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, em seu preâmbulo, institui um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos⁴⁸. A partir dessas reflexões, a reprovação moral da sociedade com a prostituição deve ser vista como uma manifestação de incoerência que, ao mesmo tempo em que se vale dos serviços prestados por este grupo, retribui estas mulheres com a invisibilidade social ou o fardo da exclusão, o que se configura como verdadeira deformação ética⁴.

Provavelmente, a experiência negativa com a prostituição, sua condição de marginalizadas e a culpa em razão dessa escolha as façam desejar outro tipo de vida e expliquem o dese-

jo de uma vida diferente¹⁰. Deste modo, é possível que a *lógica* inerente à prostituição seja pragmática: se é necessário vender o próprio corpo para sobreviver, ao menos que isso resulte em bens palpáveis, como os evidenciados por meio da pontuação no Inventário de Bens de Consumo.

Entretanto, esta satisfação não é resultado direto do preço cobrado, isto é, não importa precisamente o quanto se ganha, mas o quanto se tem, talvez o quanto se conseguiu a partir das atividades como prostituta. Os bens materiais talvez sejam aquilo que de mais concreto possuem, produzindo certo conforto psicológico; o maior pagamento, todavia, não necessariamente assegura esta possibilidade. Talvez, as prostitutas que cobram mais também gastem bem mais para se manter apresentáveis, não alcançando qualquer rentabilidade maior de seus esforços. Contudo, esta é apenas uma conjectura, que precisará ser avaliada em estudo futuro; de momento, de acordo com a análise de mediação, parece uma possibilidade plausível.

Constatou-se correlação positiva entre bens de consumo e satisfação com a vida, corroborando alguns achados^{27, 30}. Talvez isso vá em direção do que indicam Diener e Diener²⁹ quando sugerem que a correlação entre renda e satisfação com a vida é maior em contextos de escassez, como em nações pobres (em desenvolvimento); provavelmente, também para pessoas vivendo e/ou trabalhando em condições adversas. Por exemplo, receber dez reais por programa sexual, como algumas das mulheres indicam nesta pesquisa, parece evi-

dência clara de escassez e condições precárias de vida e higiene; vale destacar que quase a metade delas recebe até 40 reais por programa (47%), valor próximo ao que se costuma pagar por um dia de trabalho de diarista doméstica naquela cidade. Neste cenário, chegar a ter diversos bens pode implicar uma multiplicidade de parceiros, aumentando os riscos de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e exposição à violência, elementos que podem fazer menos provável a mulher desejar esta mesma condição, caso tivesse a chance de viver uma segunda vez.

Esta pesquisa, sabe-se, tem generalização limitada e não representa um posicionamento definitivo sobre bem-estar subjetivo no contexto da prostituição. Lembrando, unicamente foi considerada uma variável de natureza cognitiva: satisfação com a vida. Neste sentido, recomenda-se ter em conta outros indicadores, a exemplo dos afetos (positivos e negativos) e medidas de desconforto psicológico, como providenciado pelo QGS-12⁴⁹. Contudo, será importante insistir em aspectos positivos, a exemplo de gratidão e sentido da vida; também poderá ser importante considerar o construto resiliência, pois mesmo diante da situação adversa algumas das mulheres que se dedicam à prostituição conseguem se manter longe de drogas e construir uma vida melhor naquilo que é possível. Também poderia ser importante caracterizar os princípios axiológicos que norteiam a vida destas pessoas; talvez elas sejam menos diferentes de outras mulheres, não prostitutas, do que se poderia imaginar *a priori*. Além disso, estudos comparativos são necessários para avaliar a congruência dos

achados deste estudo em outras capitais brasileiras. Portanto, muito ainda há que pesquisar, sendo neste instante dada apenas uma contribuição à temática.

Finalmente, ainda que algumas pessoas pensem que o dinheiro não traz felicidade^{12, 25, 28}, os achados desta pesquisa sugerem o contrário, ao menos no caso das prostitutas com perfil pobre. Elas vivem em situações difíceis, sendo amplamente exploradas, possivelmente algumas delas logrem a felicidade ou especificamente a satisfação com a vida em razão de suas expectativas baixas; sem estudos, com poucos recursos e sem pessoas que as apoiem, quando logram possuir alguns bens de consumo, provavelmente resultantes de seu exercício como profissional do sexo, gozam de maior conforto material e, como consequência, podem sentir mais satisfação com sua vida, embora, tendo a chance de escolher, poderiam eleger outra opção. Isso sugere que sendo inevitável a condição de prostituta, assegurar melhores condições para estas pessoas, talvez com pagamento mais digno e orientação pessoal, poderá garantir-lhes maior conforto psicológico.

Apesar de lutas cada vez mais visíveis e articuladas dos movimentos sociais em defesa de grupos minoritários, é perceptível que ainda falta muito para a participação em igualdade de condições de tais grupos na esfera social; mesmo com a conquista relevante de certos direitos, persiste a carência de efetivação e expansão de segmentos importantes da sociedade³. Não é possível ficar alheio às condições precárias de profis-

sionais do sexo; conhecer seus problemas e suas expectativas parece fundamental para assegurar princípios bioéticos tão essenciais como a autonomia e a justiça social, favorecendo o respeito por estas mulheres. Confia-se que estes achados estimulem a pensar

políticas públicas em sua defesa, sobretudo no que se refere à preparação destas profissionais para lidar com elementos tão básicos como ganhos econômicos e aquisição de recursos materiais que assegurem melhor qualidade de vida.

Resumen

Si son prostitutas, ¿por qué son felices? Correlatos materiales de la satisfacción con la vida

El presente estudio tuvo como objetivo conocer la relación entre los bienes de consumo obtenidos y la satisfacción con la vida de trabajadoras del sexo en João Pessoa, PB. La influencia de esta relación en la satisfacción con la vida es algo que no se ha estudiado empíricamente. Participaron en el estudio 100 prostitutas con edades variando de los 18 a los 46 años ($m = 26.2$, $dt = 7.00$), en su mayoría solteras (71%) y con hijos (73%). Ellas contestaron la *Escala de Satisfacción con la Vida*, el *Inventario de Bienes de Consumo* y preguntas demográficas. Los resultados indicaron una correlación positiva entre los bienes de consumo y la satisfacción con la vida ($r = 0,42$). Sin embargo, los bienes de consumo presentaron evidencias de mediar la relación de esta satisfacción con el importe cobrado por programa sexual. Los hallazgos se han discutido a la luz de evidencias sobre la importancia de bienes materiales para promover el bienestar subjetivo en contexto de escasez, sugiriendo estudios futuros que puedan contribuir en este ámbito.

Palabras-clave: Prostitución. Satisfacción personal. Felicidad. Economía.

Abstract

If they are prostitutes, why are they happy? Material correlates of satisfaction with life

This study aimed to know the relationship between consumer goods purchased and life satisfaction of sex workers from João Pessoa, PB. The influence of this relationship on life satisfaction is something that has not been studied empirically. Participants were 100 prostitutes with aged ranging from 18 to 46 years ($m = 26.2$, $sd = 7.00$), most of them unmarried (71%) and with child (73%). They answered the *Satisfaction with Life Scale*, *Inventory of Consumer Goods*, and demographic questions. Results showed a positive correlation between consumer goods and life satisfaction ($r = 0.42$), with consumer goods showing evidences of mediating the relationship of life satisfaction with amount charged for each sexual program. These findings were discussed in light of evidence about the importance of material goods to promote subjective well-being in a context of scarcity, stating that future studies may contribute in this area.

Keywords: Prostitution. Personal satisfaction. Happiness. Economics.

Referências

1. Alexander P. Prostitution: a difficult issue for feminists. In: Jackson S, Scott S, editors. *Feminism and sexuality: a reader*. New York: Columbia University Press; 1996. p. 342-57.
2. Fonai ACV, Delitti M. Algumas contingências mantenedoras do comportamento de prostituir-se. *Rev Bras Ter Comport Cogn* 2007;9(1):103-13.
3. Rios RR. Para um direito democrático da sexualidade. *Horiz Antropol* 2006;12:100-71.
4. Mota KAG. A intervenção do estado como agente regulador e fiscalizador da atividade econômica: prostituição [dissertação]. Marília: Universidade de Marília; 2008.
5. Gaspar MD. Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1988.
6. Matthews R. Prostitution in London: an audit. London: Middlesex University; 1997.
7. Lichtenstein B. Reframing eve in the Aids era: the pursuit of legitimacy by New Zealand sex workers. *Sexuality and Culture* 1998;2:37-60.
8. Lim L. The sex sector: the economic and social bases of prostitution in Southeast Asia. Geneva: The International Labor Organization; 1998.
9. Lucchini R. A rapariga de rua: prostituição, família e droga. *Revista do Instituto de Reinserção Social* 1999;3:9-70.
10. Benson C, Matthews R. Street prostitution: search of a policy ten facts. *International Journal of the Sociology of Law* 1995;23:395-415.

11. Torres GV, Davim RMB, Costa TNA. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. *Rev Latinoam Enferm* 1999;7:9-15.
12. Myers BG, Diener E. Who is happy? *Psychology Sci* 1995;6(1):10-7.
13. Andrade MCC. Mulheres prostituídas. *Revista Videtur-Letras* [internet] 2001;5 [acesso 26 set 2009]. Disponível: <http://www.hottopos.com/seminario/sem2/cris1.htm>.
14. Brasil. Código Penal brasileiro. EducTecNet Rede de Educação e Tecnologia [internet]. Campinas: WebRing; [acesso 23 dez 2009]. Disponível: <http://edutec.net/Leis/Gerais/cpb.htm>.
15. Lagenest JPB. Lenocínio e prostituição no Brasil. Rio de Janeiro: AIR; 1987.
16. Vasconcelos AA. Prostituição de meninas e adolescentes no Recife. *Tempo e Presença* 1991;13(258):22-3.
17. Gomes R. O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão. São Paulo: Unimarco; 1996.
18. Braga JMF. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. In: Ângelo A. A prostituição em debate. São Paulo: Paulinas; 1982.
19. Pereira CAA. Um panorama histórico-conceitual acerca das dimensões de qualidade de vida e do bem-estar subjetivo. *Arq Bras Psicol* 1997; 49(4):32-48.
20. Diener E, Emmons RA, Larsen RJ, Griffin S. The satisfaction with life scale. *J Pers Assess* 1985;49(1):71-5.
21. Pavot W, Diener E. Review of the satisfaction with life scale. *Psychol Assess* 1993;5:164-72.
22. Gouveia VV, Barbosa GA, Andrade EO, Carneiro MB. Medindo a satisfação com a vida dos médicos no Brasil. *J Bras Psiquiatr* 2005;54:298-305.
23. _____, Milfont TL, Fonsêca PN, Coelho JAPM. Life satisfaction in Brazil: testing the psychometric properties of the satisfaction with life scale (SWLS) in five Brazilian samples. *Soc Indic Res* 2009;90:267-77.
24. Diener E, Lucas RE. Personality and subjective well-being. In: Kahneman D, Diener E, Schwarz N, editors. *Well-being: the foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Foundation; 1999. p. 213-29.
25. _____, Larsen RJ. The experience of emotional well-being. In: Lewis M, Haviland JM, editors. *Handbook of emotions*. New York: Guilford Press; 1993. p. 404-15.
26. Inglehart R. *Cultural shift in advanced industrial society*. New Jersey: Princeton University Press; 1990.
27. Diener E, Sandvik E, Seidlitz L, Diener M. The relationship between income and subjective well-being: relative or absolute? *Soc Indic Res* 1993;28:195-223.
28. Csikszentmihalyi M. If we are so rich, why aren't we happy? *Am Psychol* 1999;54(10):821-7.
29. Diener E, Diener M. Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *J Pers Soc Psychol* 1995;68:653-63.

30. Veenhoven R. Is happiness relative? *Soc Indic Res* 1991;24:1-34.
31. Pavot W, Diener E. Review of the satisfaction with life scale. *Psychol Assess* 1993;5:164-72.
32. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Inventário de bens duráveis. Rio de Janeiro: IBGE; 2008.
33. Gouveia VV, Santos WS, Milfont TL. O uso da estatística na avaliação psicológica: comentários e considerações práticas. In: Hutz CS, editor. *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2009. p. 127-56.
34. Tabachnick B, Fidell LS. *Using multivariate statistics*. 5th New York: Harper Collins; 2006.
35. Pasquali L. *Instrumentos psicométricos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/Ibapp; 1999.
36. Nunnally JC. *Teoría psicométrica*. México: Trillas; 1991.
37. Sobel ME. Asymptotic intervals for indirect effects in structural equations models. In: Leinhardt S, editor. *Sociological methodology*. San Francisco: Jossey-Bass; 1982. p. 290-312.
38. Hayton JC, Allen DG, Scarpello V. Factor retention decisions in exploratory factor analysis: a tutorial on parallel analysis. *Org Res Methods* 2004;7(2):191-205.
39. Clark LA, Watson D. Constructing validity: basic issues in objective scale development. *Psychol Asses* 1995; 7:309-19.
40. Seligman MEP, Csikszentmihalyi M. Positive psychology: an introduction. *Am Psychol* 2000;55:5-14.
41. Csikszentmihalyi M. *Psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva; 1992.
42. Diener E. Subjective well-being. *Psychol Bull* 1984;95:542-75.
43. Myers DG. The funds, friends, and faith of happy people. *Am Psychol* 2000;55:56-67.
44. Vaillant GE. Adaptative mental mechanisms: their role in a positive psychology. *Am Psychol* 2000;5:89-98.
45. Ryan RM, Deci EL. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemp Educ Psychol* 2000;25:54-67.
46. _____. On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annu Rev Psychol* 2001;52:141-66.
47. Seligmam M. *Authentic happiness: using the new positive psychology to realize your potential for lasting fulfillment*. New York: Free Press; 2004.
48. Brasil. Constituição 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Saraiva; 2008.
49. Gouveia VV, Barbosa GA, Andrade EO, Carneiro MB. Factorial validity and reliability of the General Health Questionnaire (GHQ-12) in the Brazilian physician population. *Cad Saúde Pública* 2010;26:1439-45.

Recebido: 1.9.2010

Aprovado: 8.11.2010

Aprovação final: 11.11.2010

Contatos

Rildésia S. V. Gouveia - *rsvgouveia@gmail.com*

Leogildo Alves Freires - *leogildo.alves.freires@gmail.com*

Rafaella de Carvalho Rodrigues Araújo - *rafaellacr@hotmail.com*

Layrtthon Carlos de Oliveira Santos - *layrtthon@hotmail.com*

Valdiney V. Gouveia - *vvgouveia@gmail.com*

Valdiney V. Gouveia - Universidade Federal da Paraíba CCHLA/Departamento de Psicologia CEP 58.051-900. João Pessoa/PB, Brasil.